

DÍVIDA EXTERNA

Bonn apoiará o Brasil no FMI

Contatos de Zélia, ontem, na Alemanha, também poderão render novos créditos

JOSÉ CARLOS SANTANA
Correspondente

BONN — A Alemanha Ocidental vai apoiar o Brasil nas negociações com o Fundo Monetário Internacional — (FMI) e com o Clube de Paris, que reúne os governos credores do País. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, conseguiu essa promessa do governo alemão tomando o café da manhã, ontem, em Bonn, com o também ministro da Economia, Helmut Houssmann.

Os encontros de Zélia com os dirigentes e os empresários alemães foram ainda mais calorosos e produtivos que os contatos mantidos durante sua visita a Londres, na segunda-feira, embora ela tenha deixado a Inglaterra entusiasmada com a atenção que recebeu e com as palavras que ouviu da primeira-ministra Margaret Thatcher.

Thatcher e o ministro do Tesouro, John Major, demonstraram tanto interesse pelo Plano Collor, e acharam tão bons os resultados já alcançados pelo governo, que deram à ministra a impressão de que poderiam apoiar o Brasil na busca de um entendimento com os seus credores. Na Alemanha, o governo foi claro: para alegria de Zélia, o apoio está garantido.

NOVOS CRÉDITOS

Depois da conversa com Houssmann, a ministra dirigiu-se ao Ministério das Finanças para uma reunião com o seu secretário, Friedrich Voss. Em seguida, deu uma passada rápida pela embaixada brasileira e depois foi encontrar-se com o ministro da Cooperação Econômica, Jürgen Warnke.

Warnke estava muito atarefado e pediu que os jornalistas não os incomodassem, para que ele pudesse ter mais tempo de ouvir o que Zélia tinha a dizer. E, ao que parece, ficou tão interessado que o encontro se prolongou por dez minutos além do tempo previsto.

Os três ministérios — Econo-



Marcos Fernandes/AE-25/5/90

Zélia: os bons resultados de um dia cheio de reuniões com ministros e empresários alemães

mia, Finanças e Cooperação Econômica — e mais o Ministério de Negócios Estrangeiros forem o Conselho Hermes, que oferece garantias de créditos a entidades oficiais. No ano passado o Brasil conseguiu 300 milhões de marcos (cerca de Cr\$ 12 bilhões ao câmbio atual), e o governo Collor aguarda a liberação de mais um crédito para este ano.

**No ano passado
o Brasil
conseguiu 300
milhões de marcos**

De Bonn, Zélia voltou a Colônia, para falar com empresários na sede da Confederação da Indústria Alemã (BDI). Ali, ela expôs mais uma vez o trabalho que o governo brasileiro está desenvolvendo para conter a inflação, equilibrar as finanças e restaurar o vigor da economia. Falou da abertura do País ao comércio e aos investimentos estrangeiros, do pensamento e planos

do governo no que diz respeito à dívida externa, ofereceu dados e convidou os empresários a participar do programa de privatização das empresas estatais. Zélia concluiu a palestra repetindo o que dissera em Londres: "O Brasil está mudando e para melhor. Quem acreditar nele não se arrependerá".

Encerrada a reunião, a ministra almoçou com os empresários na confederação, e concedeu entrevista coletiva à imprensa. Quando a entrevista terminou, Zélia mal teve tempo de passar pela residência do embaixador do Brasil, onde ficou hospedada, para despedir-se dos anfitriões. Seguiu para a França, onde hoje terá uma conversa com o presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, uma reunião com o governador do Banco da França, e fará uma visita ao ministro da Economia, Finanças e Orçamento, Pierre Bérégovoy.

DÍVIDA EXTERNA

O único jornal que mencio-

nou a visita da ministra da Economia à Inglaterra e o seu encontro com Margaret Thacher foi o **Financial Times**. E assim mesmo no meio de uma matéria sobre a decisão do comitê de regulamentação das operações bancárias nos Estados Unidos de rebaixar a classificação dos débitos brasileiros de curto prazo, para substandard.

O jornal atribui a banqueiros a declaração de que a decisão do Interagency Country Exposure Review Committee, nos EUA, poderá afetar as linhas de crédito de curto prazo de que o Brasil necessita para o seu comércio externo.

Na mesma reportagem, o **Financial Times** noticiou também a abertura, em São Paulo, do primeiro escritório latino-americano da International Finance Corporation, subsidiária do Banco Mundial, e reproduziu as declarações do seu chefe, sir William Ryrie, que promete ajudar o Brasil a obter investimentos estrangeiros.